

# A LUCTA

## JUNQUEIRO ANTICLERICAL (1)

Junqueiro considerava-se um cristão puro, sintonizado com a ideia de um Deus libertador, bom e justo; e combateu ferozmente a Igreja de Roma, aliada do poder civil, que renegara a sua missão catequizadora para partilhar a mesa dos fortes, dos exploradores.

Para expôr a sua visão religiosa, planeou redigir meia centena de composições poéticas que foram publicadas sob o título *A Velhice do Padre Eterno*. Em 1885, saiu o primeiro volume dessa obra, que causou grande escândalo e, sobretudo, polarizou a opinião pública.

Como se pode constatar, alguns anos depois (1920), os poemas ainda apareciam replicados na imprensa. O segundo volume teve edição póstuma.

# A SEMANA SANTA

Não podendo dormir no horror da sepultura  
Na podridão escura,  
Da terra imunda e fria,  
Voltaire despedaçado o feto chumbado,  
E cingindo o lençol ao corpo esverdeado  
Resuscitou um dia.  
Pafava-lhe no labio o riso fulminante  
Com que outr'ora gravou nas creanças virgíneas,  
Como n'um rico espelho a aresta d'um diamante,  
Tamanhas abjeções, sarcasmos tão brutais.  
Mas era ao mesmo tempo o riso heroico e bom  
Que os tyrannos prostrava em misero desmaio,  
Riso a que succedeu o verbo de Dantou  
Como a um trovão succede o lampejar d'um raio.  
Dormira febrilmente um longo somno inquieto  
Enquanto andava o mundo a executar-lhe os planos.  
E vinha ver emfim, diabolico architecto,  
O estado da sua obra ao cabo de cem annos.  
O' satiro divino, o monstro da ironia,  
Gmno que Deus conduz e Satanaz impelle,  
Que esmagas hoje a *infame*, e escribes no outro dia  
Com a tinta do enxurro os versos da Pucelle;  
Tu és feito de luz e feita de baixezas,  
Folto de heroicidade e de protervias más;  
Comproprava-te a alma os braços das duquezas  
E encarquilhou-te a face o rir de Satanaz.  
Rugas ao mundo novo a estrada do futuro  
Cantando ao mesmo tempo o sordido deboche:  
Es como um Juvenal dentro d'um Epicuro,  
O arlequin-litau, o semi-deus-garroche.  
N'esse labio mordente esse sorriso eterno  
Faz frio como a ponta aguda d'uma espada;  
O teu genio, Voltaire, é como o sol do inverno,  
Dá muitissima luz, mas não aquece nada.  
Em vão por sobre a paz dos campos desolados  
Elle entorna do azul seus vivos esplendores:  
Não cantam rouxinões nas sebes dos vallados,  
Não faz nascer o trigo e germinar as flores.  
É que nunca soubeste o que é a dor profunda  
Que estalla fibra a fibra os grandes corações;  
É que nunca choraste, ó Prometheu carcunda,  
Como Dante chorou, como chorou Camões,  
Voltaire, o rachador de velhos preconceitos,  
Aos golpes do teu riso, a golpes de Machado  
Cairam sobre a terra athleticos, desfeitos.  
Na floresta da noite os cedros do passado,  
Mataste a tradição, o dogma, o privilegio,  
Assobiaste a rir a fé de nossos paes,  
E andaste pelo azul, hediondo sacrilegio!  
A correr á pedrada os deuses immortaes,  
Empunhando o alvião terrivel da verdade  
Tu minaste, Voltaire, infatigavelmente  
O alicerce de bronze á velha sociedade.  
Do teu riso cruel a onda dissolvente  
Foi como os vagalhões, arletes do mar,  
Que cavam sob a rocha um tão profundo abismo  
Que a rocha quasi ficou assente sobre o ar.  
Tu minaste, Voltaire, a rocha despotismo  
E depois de ter feito a escavação nocturna,  
Como fazem no monte as feras sanguinarias,  
Encheste até á bocca essa medonha furna  
Com barris de petroleo e bombas incendiarias.  
E em quanto o niveo pé soberbo de Antonica  
Da França estrangulava a supplicante voz,  
Tu lançavas de longe a fragica lanca,  
Velo faino cruel, rindo com riso atroz.  
Até que um dia emfim exausto de cansaço,  
Sentindo já sem força as garras de condor,  
Tu chegaste, Atouet, sem te tremor o braço,  
Ao rastilho da mina o fogo abrasador.  
Cobriu-se então o azul d'uma tormenta escura,  
Echou lugubrememente o estrondo do trovão,  
Viste arder o rastilho até uma certa altura,  
E fozte-te esconder, a rir, na sepultura.  
Mal se ia aproximando á hora da explosão.  
Quando resuscitou, Voltaire ficou attonito  
Vendo os nossos chapéus e as nossas calças pretas,  
Mas como desejava andar no mundo incognito,  
E não ler o seu nome impresso nas gazetas,  
Oh, a necessidade á quanto nos obrigat  
Voltaire o diplomata, o cortezão tafel.  
Largou a juba d'ouro, a cabeleira anida  
E foi vestirse á moda aos armazens de Pool.  
Na sexta-feira santa os templos percorria  
Voltaire para observar os crentes verdadeiros  
No dia da paixão, no lutooso dia  
Em que se fez de Christo o deus dos confeitadores,  
Arozet, ao ver aquella estupida farçada,  
Foi acordar Jesus na sua campã ignorada  
E disse-lhe:  
— «Anda ver ó Christo estes bandidos,  
Que rostos tão floridos,  
Que bellas digestões!  
O' pallido Jesus, ó scismador antigo,  
Levanta-te dá campã e vem d'ahi commigo,  
A ver estes ladrões.  
Nós vamos passear juntos, de braço dado,  
Mas vestirás primiero um frak bem talhado  
De fino panno inglez,  
E has de pôr na cabeça este chapéu redondo  
Para ficar gentil, para ficar hediondo  
Como qualquer burguez.  
Tu odias de certo estas casacas pretas,  
Mas não quero, Jesus, que tu me comprometas  
Com esse balandrau muitissimo ratão.  
Se eu fosse ao boulevard commigo e alguém me visse,  
Ninguém oh, fide do tom! ninguém, oh canallicei  
Me apertaria á mão!

O talhe d'um colete, e os pontos d'uma luva,  
A menor frioleira, um simples guarda chuva,  
Substituíram hoje as regras de Lavater.  
Passando eu por acaso enodado e rôto,  
Diriam: «Que chapéu! que pulha! que maroto!  
Aquelle homem não tem nem sombras de caracter!»  
Anda, veste a farpella. Agora, sim senhor!  
Muito grotesco és, meu pobre Redemptor!  
Vaes a comprometer-me, ó alma do Diabol!  
Que figura infeliz, inteiramente chata!  
Peio menos corrige o laço da gravata.  
E pôe na *boutonnierre* este jasmim do Cabo.  
Necessitas de ter maneiras delicadas  
E a arte de dizer uns pequeninos nadaes  
Com chic e distincção. Ser Deus é muito bom;  
Mas é preciso ser um Deus da fina roda,  
Um deus do nosso tempo, um deus da ultima moda,  
Um deus *petit cravat*, um deus á *Benoiton*.  
Se amanhã por acaso alguém, medita n'isto,  
Te fosse apresentar—Sua Ex.<sup>a</sup> o Christo—  
Nos devotos salões do bairro São-Germano,  
Oh! escandal! oh! larçal oh! padre omnipotentel  
As duquezas, sorrindo aristocraticamente,  
Achavam-te decerto um Deus provinciano.  
Saíamos para a rua. A gente anda de luto,  
Porque consta que out'ora um visionario, um brua  
Se deixara morrer pregado n'um madeiro,  
E hoje em memoria d'isto os paes compram ás finças  
Tres caixas de pastilhas  
Na loja d'um doceiro.  
Quanta mulher formosa ahí n'esses balcones!  
Que lindas tentações!  
Meu pallido judeu!  
Deixa por um instante as regiões serenas;  
Narmora estas pedras  
Que ellas hão de gastar d'ó teu perfil hebreu.  
Arranja um casamento e aprende a ter juizo.  
A noiva pouco importa; o dote é que é preciso  
Discuti-o. Olha lá, os paes que sejam velhos!...  
Que vão para o diabo o reino da Utopia!  
E hão de te nomar socio da academia  
E, quem sabe! Talvez barão dos Evangelhos.  
Penetremos na egreja a ver esta farçada.  
Uns entram para ver a casa illuminada,  
Os dandys é por *chic*, os velhos por *decoro*;  
Estes é para ouvir tocar umas quadrilhas,  
E os outros, que sei eu!... para vender as filhas,  
Para matar o tempo ou arranjar namoro.  
Lá vaes o pregador dizer a sermonata:  
Tossiu, cuspiu, sorriu, bebeu a sua orchata  
E começa a fazer. Tem uns bonitos dentes.  
E com gesto fecundo e voz amanerada  
Recita uma enfiada  
De tropes excellentes.  
Acabou-se. O auditorio  
Gostou do faroleiro  
Como gostamos nós.  
Soltam-se exclamações por entre algum rumor:  
— Muito bem! Muito bem! — E' um grande pregador! —  
— Foi um rico sermão! — E' que bonita voz!

E á noite, a esta hora, uns padres sem batina  
De certo não virão pregar ás concubinas  
O 6.<sup>o</sup> mandamento!  
Os teus guardas fiéis d'apos da proccissão,  
Já roucos de cantar um velho cantochão,  
Deixam-te no templo abandonado e só.  
Uns vieram beijar as carnes prostiuidas,  
E os outros foram ler no quarto, ás escondidas,  
Romances de Belot.  
E, como a noite é linda! A branca lua passa,  
Ostentando na fronte a palidez devassa  
D'uma infeliz mulher.  
Quando tudo fermenta e tudo anda de rastros  
Já não deve admirar que a siphilis chegue aos astros  
E precisem tambem xarope de Gibert.  
Meu Paé, vamos cear. E' quasi madrugada:  
E' a hora do tom, a hora consagrada  
Para os ricos festins á viva luz do gaz.  
E' a hora da morte, a hora do ataudé,  
E a mesma em que repones a candida virtude  
Nos braços de Faulbas.  
Anda, não tenhas medo, entra no restaurant.  
A sala está repleta. A purpura brilhante  
Dos desajos inflamma os sonhos tentadores.  
O champagne sacode os cranios embebiados,  
E os crimes sensuaes e os vicios delicados  
Rompem n'um turbilhão de venenosas fôres  
O punch, iluminando as faces cadavericas,  
Faz-nos imaginar as saturnaes chimericas  
Que á noite deve haver na *morque* de Paris,  
Aonde as cortezás, mais roxas que as violetas,  
Ao luar cantarão as verdes cançonetas  
Das podridões gentis.  
Volteiam pelo ar os ditos picarecos,  
Elasticos, febris, dôidos, funambulicosos,  
Como gnomos de luz vestidos de histrões,  
Dançando, tilintando os guizos argentinios,  
Fazendo á luz do gaz trejeitos libertinos  
Com o riso cruel das alucinaciones.  
Céimos. Manda vir as coisas que preferes;  
E que nos vão buscar duas ou tres mulheres,  
Que as ha perto d'aqui!  
O mais, pedo por boca, ó meu divino mestre!  
Mas escuta, olha lá, não pegas mel silvestre,  
Porque já se não usa e riem-se de ti.  
E agora é destampar a rubra fantasia!  
Anda! mostra que tens espirito, ladrão!  
Não quero ver chorar os olhos teus contritos;  
Se canalha com graça, infame com bons ditos,  
Vamos, sensaborão!  
Conta-nos em voz alta historias bem galantes,  
Segredos irritantes,  
Vergonhas sensuaes,  
Adulterios da moda, escandalos, miserias,  
Tudo isto, já se vê, com optimas pilherias,  
Bastante originaes.  
Tu precisas perder esse teu ar de adventicio  
E um certo horror ao vicio,  
D'um pedantismo ignarot;  
Formosura sem vicio é coisa que não tenta;  
O vicio, meu amigo, é bom como a pimenta.  
E o defeito que tem é ser um pouco caro.  
Conversemos, alegre a tua frente augusta,  
Se espirituoso, inventa, o que te tece!  
Uma infamia qualquer muitissimo engenhosa...  
Tens um amigo? bem, vamos calumnial;  
Tens amantes? melhor, ou dou-te o meu cavallo  
E dá-me a mais formosa.  
Parece que o rubor te va subindo ás faces...  
O' Filho, não me masse!  
O' Filho, tem piedade!  
Deixa-te de sermões; no fim de contas eu  
Sou muito bom christião... um pouquinho atheu.  
Como um christião qualquer da fina sociedade.  
Saíamos; rompe a aurora. A burguezia dorme.  
Como gibóia enorme  
Que resona depois de devorar um touro;  
O' gibóia feliz, ó burguezia, ó pança,  
Dorme com segurança  
Que a força está de guarda aos teus bezerras d'ouro.  
E chama-se Progresso, ó Deus, esta farçada!  
Isto é o cinismo alvar em pélo, á desfilada,  
E' a prostituição ignobil da mulher,  
São desejos brutaes, é carne em plena orgia,  
Emfim a saturnal da podre burguezia.  
Que reza como o papa e ri como Voltaire  
Morrendo o velho Deus, o velho Deus tyrano,  
Este mundo burguez, catholico-romano  
Encontrou-se sem fé, sem dogma, sem moral;  
A justiça era elle o Padre-omnipotente;  
Esse padre morreu; ficou-nos simplesmente  
Um unico evangelho—o codigo penal.  
A consciencia humana é um monte de destruyros,  
Foram-se as orações, foram-se os padre-nossos,  
Tombou a fé, tombou o ceu, tombou o altar;  
E o velho Deus-castigo e o velho Deus-receio  
E' simplesmente um frelo  
Para conter a raiva á besta popular.

A crassa burguezia, essa récus fradesca,  
Opipara, animal, silenciosa, grotesca,  
Narmora a Deusa-carne, e ádora o Deus-milhão;  
E as almas, fermentando assim n'esta impureza  
Resvalam sensuaes do leite para a meza  
Da meza para o chão.  
Vendem-se a peso d'ouro as languidas donzelas,  
Mais torpes que as cadelas  
Que ao menos dão da graça o libertino amor,  
E o Dever, a Saude, o Justo, o Verdadeiro,  
Esses ricos metaes fundem-se no brazero  
D'um sensualismo espesso, atroz, devorador.  
A agiotagem, a bolsa, a cotação dos fundos  
E' o principio rei dominador dos mundos,  
E' um sangue vital, forte como o cognac,  
Engordae, engordae, ó bravos *homens seriois*,  
Que servis para dar estercos aos cemiterios  
E musica a Offenbak.  
A vergonha morreu, a dignidade foi-se,  
O mundo oficial é um verdadeiro alcoice,  
E a plebe tripudiando em horridos orgias  
Lança sobre o Direito um pustulento escarro,  
E acende, cambaleando, a ponta do cigarro  
Na fogueira que abraza o Louvre e as Tulherias.  
A familia é um bordel. Os leitos sensuaes  
São verdadeiramente esgotos seminaes,  
Eroticas latrinas.  
Onde entre o tumultuar d'um debochado gozo  
Se fabrica de meios o sangue escrofoloso  
Das raças libertinas.  
Caíem-nos. Eu ouço as ferraduras de Argus  
E a Ordem e a Lei: correm a trotes largos;  
Vêm n'esta direcção, escondete Jesus!  
Nistamo-nos aqui n'um beco, anda liguetrol!  
Que, se sabem quem és, meu velho petroleiro,  
Mandam-te pendurar segunda vez na cruz.  
E agora, Filho, adeus. Eu vou dormir um pouco,  
É tu, meu pobre louco,  
Descança inda que seia um breve quarto d'hora;  
Tingem-se de vermelho as bandas do Oriente,  
E' hoje a Alleluia, e necessariamente  
Tens de resuscitar logo ao romper d'aurora.  
A noite era sinistra. Os ventos a galope  
Resflegavam como as forjas d'um ciclope  
Com uiuos de alienado e rugidos de feras.  
E o mar bramava ao longe athletico, espumante,  
Qual marmitta profunda a ferver trevojanete  
Sobre cem mil crateras.  
E Christo foi andando errante, vagabundo  
Atravez d'essa vasta imperatriz do mundo,  
Vergonhas sensuaes,  
Opulenta Gornorra hidropica de Vicio,  
Que Deus não entendeu talvez, como costuma,  
Porque, além de estar caro o enxofre, Deus um summa  
Já não pôde arrear-se em fogos de-artificio.  
E elle lá vendo os mil palacios portentos  
Onde a besta feliz dormia, ebria de gosos,  
Um infavel somno,  
Em quanto que a miséria anonima esfaimada  
A's tres da madrugada,  
Disputava o jantar no enxurro aos cães sem dono.  
As altas cathedraes, aonde a burguezia  
Vae arrotar um pouco á missa do meio dia,  
Tinham como que o ar d'um theatro fechado,  
O aspecto mercantil d'um armazem colosso  
Em que Deus ao balcão vende os dogmas por grosso  
E o céu por atacado.  
Arrazou-se de pranto o olhar do Nazareno,  
Aquelle olhar profundo, aquelle olhar sereno  
Que outr'ora deu alivio á tantos corações,  
E a linha virginal do seu perfil suave  
Turbou-se, apresentando o aspecto mudo e grave  
Das nobres afflictões.  
E marmoreo, espectral, com a fronte sombria,  
Banhado no suor sangrento da agonia  
Foi deitar-se outra vez na leiva tumular,  
Athleta que expirou tranzido de mil dôres  
E quer dormir, dormir entre aservas e as flores  
Onde escorre piedosa a branca luz do luar.  
E quando a christandade á volta do meio dia  
Górron ao templo a ver o entremez da Alleluia,  
Em logar d'um Jesus, banal de ciclorama  
Subindo ao firmamento,  
D'olhos azues n'um céu d'anil, tunica ao vento,  
Sobre nuvens de gloria e de algodão em rama.  
Viu-se na tela um Christo em furia, um visionari,  
Truculento, febril, colerico, incendiario,  
Como que um salteador fugido das galés,  
Na bocca uma blasfemia e no olhar um archote,  
Espulsando da egreja os christãos á chibote  
E expulsando do altar o papa a pontapé!

Guerra Junqueiro.